

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ SEMIÓTICA DIDÁTICA

Nesta nova edição da *EntreLetras*, trazemos inicialmente um dossiê composto por traduções do francês de cinco textos de semioticistas que elegem como foco de discussão a questão didática, pensada sob diferentes perspectivas, mas tendo como aspecto comum à maioria reflexões sobre as complexas dinâmicas interacionais que têm lugar no processo ensino-aprendizagem.

O primeiro artigo do dossiê, *Regimes de sentido, formas de educação*, é de autoria de Eric Landowski, que se vale das suas elaborações em sociosemiótica para considerar as relações entre professores e alunos no contexto da sala de aula. Trata-se de um texto inicialmente produzido para uma conferência que o autor proferiu na sessão de um colóquio dedicado ao ensino (Universidade de Limoges/França, 2015), e inscreve-se na direção da dimensão “comprometida” da pesquisa em semiótica aplicada à compreensão das práticas sociais. Ali o teórico discorre sobre o ensino-aprendizagem a partir de considerações sobre as atitudes dos sujeitos implicados, dos objetos partilhados/construídos e da filosofia que orienta a própria práxis escolar, tendo em vista a adesão dos sujeitos a diferentes concepções de ensino-aprendizagem. As categorizações trazidas pelos esquemas propostos não encerram os sujeitos num mesmo lugar, numa identidade ou em um fazer permanentes, mas pressupõem movimentos, transformações, ir e vir entre posições relativas às própria dinamicidade e complexidade do contexto das aulas e papéis dos sujeitos.

Os três textos seguintes foram publicados no final dos anos 70 e início dos anos 80, nos pequenos volumes do *Actes Sémiotiques* que, naquele momento, serviram para sistematizar as discussões dos semioticistas que se reuniam em torno de Algirdas Julien Greimas e seu seminário em Paris. Para a publicação dessas traduções, contamos com a autorização do atual diretor da revista, Eric Landowski. Infelizmente, um texto fundador de Greimas no qual ele delineava linhas mestras do que se edificaria como semiótica didática (*Pour une sémiotique didactique*) não pôde compor esse conjunto e esperamos em outra ocasião contar com a aprovação para sua publicação.

Assim, trazemos em seguida um artigo *Para mudar, começar pelo fim*, de Jacques Fontanille que, nos anos posteriores, firmaria seu interesse pelas questões do ensino tanto no nível da reflexão teórica em semiótica quanto no da atuação profissional. Fontanille mobiliza a sintaxe narrativa para pensar o lugar da dimensão afetiva dos sujeitos da aprendizagem, conferindo lugar privilegiado para a avaliação. Ao discutir a renovação dos estudos na França, considera que se pode pensar a mudança a partir da avaliação (sanção).

Em *Campo de manobras didáticas*, Paolo Fabbri discorre sobre a relação ensino-aprendizado sob uma dinâmica polêmica, tendo em vista diferentes espécies de encenação que prefiguram a tensão entre docente e aprendiz. Para tal, considera as dimensões enunciativa e narrativa.

O breve texto de Manar Hammad intitulado *Espaços didáticos* dialoga diretamente com o último e tematiza a possibilidade de mobilizar a semiótica com a finalidade de contribuir para pensar (ou edificar) uma arquitetura dos espaços destinados ao ensino.

O quinto texto, *O espaço do seminário*, produzido no contexto mesmo do seminário de Greimas e tematizando-o sob a perspectiva de uma *semiótica do espaço*, inaugura uma das orientações de pesquisa que se adensariam nas décadas seguintes, sobretudo nos trabalhos de Manar Hammad. É do espaço que falam Hammad e demais pesquisadores do Grupo 107 que assinam a autoria do texto, mas é também da transmissão e da produção do saber naquele contexto específico, no qual emerge a própria figura do mestre lituano, por meio das ações que lhe são conferidas e da reverência com que é tratado. Num ano em que se comemora o centenário de nascimento de Greimas, pensamos ser esse texto relevante também para a compreensão do modo de funcionamento do seminário que faz nascer e consolidar a semiótica francesa. A descrição minuciosa, envolvendo o próprio corpo do sujeito mestre, atua para a figurativização que torna sensível sua presença e seu fazer de destinador de uma orientação teórica.

ARTIGOS

Recebemos um grande volume de textos para essa edição e, nesse sentido, a seção de artigos conta com trabalhos de vertentes teóricas diversas dos estudos da literatura e da linguística, em grande parte em perspectiva interdisciplinar.

O primeiro artigo desta seção é *A memória na sala de aula: o gênero diário íntimo e a (re)construção da identidade*, de autoria de Francis Paula Correa Duarte. Duarte traz os resultados de uma pesquisa-ação desenvolvida junto a uma escola pública que teve como ponto de partida a leitura de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e que resulta na produção de diários pelos alunos da educação básica, abrindo espaço para a reflexão sobre si mesmos e a linguagem.

É também de literatura que trata o artigo seguinte, *Consequências de um comportamento (de)s(viado): uma análise crítico-comparativa sobre a homossexualidade em O retrato de Dorian Gray e O bom crioulo*. Seus autores, Giovane Alves de Souza e Ana Luisa Barbosa de Melo, mobilizam duas obras clássicas para discutir sobre a violência de gênero, levando em conta as performances dos personagens nas duas produções.

Sob um viés crítico, Jacqueline Aparecida Nogueira discorre sobre o gênero testemunho e suas reformulações para a edição em livro em *O testemunho como um fato discursivo: os circuitos de produção da obra Infância roubada: crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil*, considerando relatos de adultos que foram vítimas da repressão política da história recente do país, na condição de ainda crianças.

Em *A Causa Secreta: análise da crítica machadiana acerca do indivíduo condenado socialmente*, Josiele Kaminski Corso Ozelame e Stefany Silva do Nascimento analisam o conto machadiano a partir da presença da ironia de que se vale o autor para sancionar comportamentos sociais.

No artigo *Construção de saberes no Direito: a linguagem para a docência*, Lúcia Maria B. Nascimento, Nilsandra Martins de Castro e Delaíte Rocha da Silva elaboram uma reflexão interdisciplinar para considerar problemas da linguagem relativos ao contexto do ensino no Bacharelado em Direito.

Também incidindo sobre a temática educacional, Selma Maria Abdalla Dias Barbosa e Francisco Neto Pereira Pinto discutem aspectos de natureza afetiva e a dimensão da subjetividade em *Dos desastres de Sofia: a importância das emoções na aprendizagem de língua estrangeira*. Para tal, analisam relatos de uma professora matriculada em curso de licenciatura em língua inglesa, ofertado pela modalidade PARFOR.

Em *O impacto da era da hortelã pimenta no sistema antroponímico de Palotina e Maripá (PR)*, Jéssica Paula Vescovi fundamenta-se nos estudos do léxico para analisar aspectos relativos à identidade de comunidades do oeste paranaense.

Na sequência, encontra-se o trabalho de Tânia Maria de Oliveira Rosa e Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, intitulado *Reflexões sobre o ensino de gramática: oração sem sujeito e sujeito indeterminado sob a ótica de Mário Perini*. Depois de uma reflexão sobre o ensino de gramática na educação básica, os autores comparam as proposições de Perini ao que predefinem gramáticas que subsidiam o ensino de língua materna sob perspectiva mais tradicional, apontando para as possibilidades (e dificuldades) de incorporação de outras abordagens gramaticais no âmbito escolar.

Encerram a seção de artigos José Ribamar Alves Mota, Sheila Lopes Maués Autiello e Valdirene de Lima Ferreira, que apresentam o artigo *Intericonidade: a ordem do olhar e a configuração do corpo feminino em uma capa da revista Playboy*. Mobilizando diferentes autores que se inscrevem na tradição dos estudos do discurso denominados sob a etiqueta de “linha francesa”, analisam os efeitos de sentido produzidos pela revista ao figurativizarem o corpo feminino em sua nudez, valendo-se para a representação da dimensão da memória.

ENSAIO

No ensaio *Ways to understand the new reader: a proposal of dialogue between the cultural history of reading the literacy studies*, Paulo Gerson Rodrigues Stefanello apresenta uma perspectiva histórica de mudança de abordagem metodológica na História Cultural e faz um paralelo entre esta nova abordagem e o advento do letramento, com o surgimento de um novo leitor no Brasil, ou ainda um leitor moderno.

TEMAS LIVRES

A seção traz dois artigos, apresentados num evento acadêmico realizado na Universidade Federal do Tocantins, em 2016, e ambos dedicados a questões relativas à educação. Trata-se dos textos *Reflexões sobre o III fórum de licenciaturas da UFT: o currículo como campo de batalhas ideológicas*, de Wallace Rodrigues, e *Política de formação de docente*

no Brasil: o direito à educação de qualidade em contextos culturalmente diversos, de Cleomar Locatelli.

PRODUÇÃO LITERÁRIA

Abre a seção literária o poema *Contra seu ventre, nascemos: poema para ser lido em voz alta nas vigílias em defesa da Democracia*, de Pedro Tierra, pseudônimo do escritor de Porto Nacional (TO) Hamilton Pereira da Silva, conhecido nacionalmente por sua poesia e militância política ambas principiadas no período do enfrentamento à ditadura militar. Produzido no início de 2016, o longo poema remete aos descaminhos da democracia frente ao golpe político que se avizinhava. Tem o tom da denúncia e do lamento, mas mobiliza a esperança, convocando a história de sofrimento mas também a resistência, para confirmar que o ódio não prevalecerá.

De Márcio Araújo de Melo temos o poema *Criação*. Nele, a narrativa bíblica do livro do Gênesis é retomada para pensar as fases da vida humana. Melo é poeta das madrugadas, porque elege o momento do silêncio e solidão para dar luz a seus textos. Nesse sentido, podemos dizer que em Araguaína, um galo sozinho não tece a manhã; as manhãs desta cidade vão se tecendo com outros galos e os versos que emergem de Márcio em seu religioso ofício de escritura.

É também do tempo que fala a poetisa, professora e pesquisadora Francis Paula Correa Duarte em *Mil novecentos e maio*. Ali, em tradução comovente, emerge o sofrimento da partida da pessoa amada, diante do que se edificou na cumplicidade e amorosidade de muitos dias. Escrever diante da dor é então um modo de resistir junto aos “escombros”, figura que ressurgue como metáfora no seu segundo poema para esta edição: *Tempos de Guerra*. Militante, a poetisa aqui deixa entrever os tempos sombrios que não impedem o sujeito de viver o amor.

Isnara Peres de Paiva apresenta uma narrativa poética em *Era uma vez Maria*. O nome dado à personagem de triste destino parece sugerir a sina de outras tantas mulheres, considerando os desafios que se impõem ainda, em nosso tempo, aos corpos e alma femininos.

Érica Cássia Maia Ferreira Rodrigues participa desta edição com seu conto *Meninices II*, relato de memória da infância vivida no interior do Tocantins. Nele, podemos ver os fazeres que eram comuns a crianças do campo, idealizado pelo olhar da menina que brinca despreocupada em conjunção com a natureza.

Francisco Neto Pereira Pinto participa com *Sobre (in)felicidade e outras coisas*. Como vai se constituindo como uma espécie de marca de sua produção, seu texto se organiza inicialmente em narrativa em prosa poética, para concluir-se em versos curtos. É felicidade ou infelicidade a imposição do parecer satisfeito a todo tempo, perfeitos dentes à mostra?

Em *Triste Lago Azul*, o linguista que faz versos, Cícero da Silva, apresenta-nos uma espécie de lamento poético pelos maus tratos conferidos a um dos mais preciosos recursos naturais da cidade de Araguaína, o lago de cores azuladas que sofre com o descaso da população e das políticas ambientais.

Leitor assíduo de poetas do romantismo, Brendon Husley Rimualdo traz em sua profícua produção muito das narrativas de amores mal vividos, do sofrimento e da solidão. Em *Desconsideração*, selecionado para esta edição, o narrador se apresenta numa tensão entre ter de dizer e solicitar ao narratário que desconsidere o que diz, como quem não espera muito da alteridade inacessível.

Andréia Nascimento Carmo contribui com seu poema *Sentidos*, tematizando as relações sensíveis do corpo diante do outro. Cada estrofe traz um título a partir dos sentidos humanos para traduções do desejo.

Em *Amigo, eu vim de longe*, Jari Santos de Carvalho, o *Jari Capoeira*, canta uma temática universal, a amizade, e incentiva a valorização da nossa cultura. Essa poesia integrou, como música de Capoeira, o IX Festival de Músicas de Capoeira do grupo A.C.A.P.O.E.I.R.A., realizado em Porto Alegre-RS, em julho de 2015, quando conquistou o segundo lugar na categoria do ritmo de Benguela. Novamente integrou o VII Encontro Internacional da A.C.A.P.O.E.I.R.A. em Vitória-ES, no mês de agosto de 2015, quando ganhou o prêmio *Destaque*. Atualmente, ela é cantada por diversos grupos de Capoeira em diversos países e simboliza o próprio capoeira que, por vezes, trilha longos e árduos caminhos, mas sempre volta ao encontro de seu camarada

*

Agradecemos a todos os que nos enviaram seus textos, pesquisadores que contribuíram com seus pareceres e aos acadêmicos e docentes da UFT que trabalham conosco como editores e revisores.

Enquanto nos dedicávamos ativamente para que esta edição pudesse estar disponível neste início de fevereiro, fomos surpreendidos com a doença e morte da esposa do ex-presidente Lula, Marisa Letícia. Em homenagem à coragem dessa grande mulher, finalizamos esta apresentação com fragmentos de um potente poema que lhe dedicou Pedro Tierra, versos reunidos sob o título *Palavras de conforto a um coração sem paz*, disponibilizado no *Facebook*. Que a poesia nos conforte ante a dureza de nossos tristes dias.

[...]

*Que minha palavra seja aquele bálsamo
recolhido nos antigos paióis,
onde guardamos os sonhos
que nos movem na vida
para reparti-los como se reparte pão e bandeiras.*

[...]

*Baixa os olhos sobre estas mãos
que um dia costuraram a estrela branca
sobre campo vermelho
como quem captura a luz dos olhos da multidão
movidada por tua voz de madrugada
no portão da fábrica.
E se despediu do medo e do silêncio.
E cavalgou ventos e tempestades.
E quando a Noite – um dia – o levou a ferros
aprendeu que em tempos de tirania,
a ferocidade se dobra
com a invencível fragilidade das mães,
quando ocupam as ruas da cidade mítica,
contra a muralha dos homens de cinza.*

Araguaína, fevereiro de 2017.

Luiza Helena Oliveira da Silva